

TRÊS NOTAS SOBRE UM BRASIL DITATORIAL EM *A NOITE DA ESPERA E PONTOS DE FUGA*, DE MILTON HATOUM

THREE NOTES ABOUT DICTATORIAL BRAZIL IN MILTON HATOUM'S NOVELS *A NOITE DA ESPERA E PONTOS DE FUGA*

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n2p63-76

Camila Araújo Gomes¹

Resumo: Este trabalho baseia-se na articulação da teoria da sensibilidade como forma da experiência possível, com a teoria da arte como reflexão da experiência real (DELEUZE, 2015). Desse modo, pretende-se abordar a trajetória ficcional de Martim – protagonista dos romances *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019), de Milton Hatoum –, que se cruza com a formação nacional do Brasil, evidenciando o mais recente passado ditatorial do País e sua presença espectral no presente. Nesse sentido, a sociedade civil contemporânea assume o dever político-ético de transformar as energias reprimidas por esse trauma histórico em uma sinergia que impulse a imaginação política brasileira em direção a enquadramentos e reconhecimentos democráticos; construindo, assim, corpos possíveis cujas subsistência e prosperidade sejam oportunizadas e garantidas, ante a precariedade generalizada da vida (BUTLER, 2015).

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Ditadura; Brasil.

Abstract: This work is based on the articulation of the theory of sensitivity as a form of possible experience with the theory of art as a reflection of real experience (DELEUZE, 2015). In view of this, it is intended to tackle Martin's fictional trajectory, the protagonist of the novels *A noite da espera* (2017) and *Pontos de fuga* (2019), which intersects with Brazil's national formation. This fact evidences the most recent dictatorial past of the country and its spectral presence in the present. In this line, the contemporary civil society assumes a political-ethical duty to transform the energies repressed by this historical trauma into a synergy which encourages Brazilian political imagination towards democratic frameworks and recognitions. This process builds possible bodies whose livelihood and prosperity are provided for and guaranteed, before the general precariousness of life (BUTLER, 2015).

Keywords: Contemporary Literature; Dictatorship; Brazil.

1 Tra(u)ma

“O trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa.”

Márcio Seligmann-Silva, 2008

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: camilaag@ufba.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0389-4594>.

Em seu artigo “Narrar o trauma”, Márcio Seligmann-Silva (2008) analisa o testemunho como uma categoria inserida em uma complexa política da memória no tocante às catástrofes ocorridas no século XX, como o Holocausto, as ditaduras latino-americanas e os genocídios dos armênios (1915-1916) e dos Tutsis em Ruanda (1994). O autor assinala que, nessas situações de extermínio coletivo ou de perseguição violenta à determinada parcela da população, “a memória do trauma é sempre uma busca de *compromisso* entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 67, grifo do autor). Desse modo, o ato de narrar o trauma visa fomentar o desejo primário de renascer. Um renascer que pode acontecer individual e coletivamente.

Uma das questões destacadas por Seligmann-Silva diz respeito à crise do testemunho. É possível narrar o inenarrável? O trauma vivido pode ser traduzido para o campo simbólico? O testemunho de um sobrevivente é verossímil ao que passou? O setor jurídico pode legitimá-lo sem desconfiança? Essa desconfiança corrobora a versão oficial da história dos “vencedores” em detrimento da memória coletiva dos “vencidos” – para usar os termos benjaminianos (BENJAMIN, 1987²)? De qual forma a linguagem melhor se aproxima da experiência traumática? Essas perguntas – um tanto difusas – destrinçam a crise do testemunho, sendo este visto “como um híbrido de singularidade e de imaginação, como evento que oscila entre a literalidade traumática e a literatura imaginativa” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 73).

A partir dessa hibridez discursiva, traumas transformam-se em tramas. Dito de outra maneira, “[a] imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70). Essa é a tese defendida por Seligmann-Silva em conformidade com a teoria de Derrida. Propõe-se, então, um diálogo entre o campo testemunhal e o da imaginação, levantando, inclusive, a hipótese de se ponderar os conceitos de literatura e testemunho. Segundo o mesmo autor,

² Com base no materialismo histórico e em oposição ao historicismo, Walter Benjamin destaca a tarefa de escovarmos a história a contra pelo, isto é, de combatermos a perspectiva dos vencedores, da classe dominante, que agem em prol do *status quo*. Por esse ângulo, a ideia universal de progresso está associada à imagem de um cortejo triunfal, no qual “os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que [se encontram] prostrados no chão. Os despojos [carregados] no cortejo, como de praxe, [...] são os que chamamos bens culturais [ou documentos de cultura]” (BENJAMIN, 1987, p. 225). Para Benjamin, esses documentos de cultura são também de barbárie. Isso se dá pelo fato de a história ser vista como um tempo saturado de “agoras”, em que os sujeitos oprimidos, os vencidos, são os únicos agentes revolucionários capazes de explodir esse *continuum* de ruínas, catástrofes e barbárie.

[...] ao invés de negarmos ao testemunho a possibilidade de ver na imaginação e em seu trabalho de síntese de imagens um potente aliado, devemos, com Derrida (1998), ver nesta aproximação entre o campo testemunhal e o da imaginação a possibilidade mesma de se repensar tanto a literatura, como o testemunho e o registro da escrita autodenominado de sério e representacionista. Ocorre uma revisão da noção de literatura justamente porque do ponto de vista do testemunho ela passa a ser vista como indissociável da vida, a saber, como tendo um compromisso com o real (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 71).

Embora os dois objetos teóricos deste ensaio – os romances de formação *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019) – não se enquadrem na definição de testemunho aqui apresentada, a questão correlata do trauma é bastante pertinente para a análise em curso. A assertiva de Seligmann-Silva “O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração.” (2008, p. 70) e a epígrafe “O trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69) introduzem as ideias gerais a serem abordadas nas próximas notas sobre um Brasil ditatorial, aliás, sobre o trauma histórico desencadeado pelos 21 anos de ditadura civil-militar (1964-1985) na memória nacional do País. Trauma que, até os dias atuais, se mantém incorporado no cotidiano brasileiro, sobretudo onde o “Estado de exceção” é a regra geral³ – por exemplo, em comunidades periféricas habitadas majoritariamente por pessoas negras e pobres que sofrem diariamente com as violências policial e racial, perpetradas pelo suposto Estado Democrático de Direito que caracteriza a nação brasileira. Ademais, em consonância com o turbulento período da ditadura, desenrolam-se as experiências traumáticas vivenciadas por Martim, o narrador-protagonista de *A noite da espera* e *Pontos de fuga*, ambos os volumes da trilogia *O lugar mais sombrio*, de Milton Hatoum.

A trama protagonizada por Martim é um tear memorialístico, cujos fios retomam e remontam traumas individuais e coletivos, passados em um contexto ficcional da ditadura brasileira. Em exílio parisiense, entre os anos de 1977 e 1980, o personagem principal rememora alguns acontecimentos emocionalmente dolorosos, ocorridos nos últimos anos de sua juventude e no início de sua vida adulta. Por se tratar de uma série de três romances de formação (ainda em curso), os enredos de *A noite da espera* e *Pontos de fuga* retratam o círculo vital do protagonista, pois – nas palavras do próprio Hatoum – “o romance de formação opera

³ Aludo, aqui, a uma citação de Walter Benjamin: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo” (1987, p. 226).

com a passagem da ingenuidade do jovem à maturidade, à vida adulta” (Cf. HATOUM, 2017, p. 4)⁴.

Esse gênero romanesco corresponde ao processo de aperfeiçoamento de um adolescente que se transforma ao longo de sua trajetória, indo da ingenuidade juvenil à maturidade adulta. Por outro lado, Marcus Mazzari (2018, p. 6), na esteira de Karl Morgenstern, expande a noção de “formação” (sentimental, social, cultural e política), inserindo leitores e autores nessa dinâmica. Portanto, ao acompanharmos a história de Martim, perceberemos a transformação pela qual ele passa e, conseqüentemente, observaremos o trabalho criativo de Hatoum que se realiza, também, por meio de nossa leitura e de nossa formação leitora. Além disso, a transformação de Martim permite analisar a vida social e política do Brasil, em um hiato histórico marcado pela ditadura e pela oposição ao regime correspondente.

2 Memórias repressivas

Um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo.

Jacques Derrida, 2005

À primeira vista, *A noite da espera* e *Pontos de fuga* compõem mais uma história de um jovem (branco, heterossexual e paulista) em formação. Contudo, quando escavamos a superfície, percebemos múltiplas camadas de significações no decorrer da narrativa, pondo em evidência a complexa composição de um retrato nacional, no caso, do Brasil. Ao utilizar essa metáfora do “retrato”, emprego-a em interface com a concepção de enquadramento, cunhada por Judith Butler (2015). Na visão da filósofa, o enquadramento é incapaz de conter totalmente o que transmite, pois “ele se rompe toda vez que tenta dar uma organização definitiva a seu conteúdo [...]. Isso nos conduz a uma maneira diferente de compreender tanto a eficácia do enquadramento quanto sua vulnerabilidade à reversão, à subversão e mesmo à instrumentalização crítica” (BUTLER, 2015, p. 25). Ou seja, na medida em que nós, leitores, acompanhamos a trajetória de Martim, estaremos diante de mais um enquadramento ou uma representação de um Brasil ditatorial e devemos pensá-lo em relação à “lei de sua composição e [à] regra de seu jogo” (DERRIDA, 2005, p. 7).

⁴ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/milton-hatoum-a-noite-da-espera>. Acesso em: 16 abr. 2022.

Nessa perspectiva, as vulnerabilidades atinentes à reversão, à subversão e à instrumentalização crítica são as responsáveis por dinamizar as relações de poder envolvidas na disputa de enquadramentos (e reconhecimentos); dando aos de baixo, talvez, a chance de romper as normas hegemônicas e excludentes perpetradas pelas autoridades que visam determinar quem pode viver dignamente. Dito de outro modo, a ideia de uma “vida vivível” estabelece

uma distinção entre vidas que são dignas de serem vividas e vidas que devem ser destruídas. Precisamente o raciocínio no qual se apoia certo tipo de esforço de guerra para distinguir entre vidas valiosas e que são passíveis de luto, de um lado, e vidas sem valor e que não são passíveis de luto, de outro (BUTLER, 2015, p. 42).

Logo, a “vida vivível” é sempre benéfica para os vencedores ou, como diria Walter Benjamin (1987), para os dominadores que humilham os corpos dos que estão amortecidos no chão. Esses que estão amortecidos no chão, os oprimidos, não são pessoas passíveis de luto. Suas vidas não tem valor – exceto quando, paradoxalmente, atendem aos interesses das classes dominantes. Butler assinala um problema atrelado ao conceito de “vida vivível”, pois este se aplica de modo binário e conflitante. Por isso, não adianta criar enquadramentos contra hegemônicos imbricados nessa moldagem bélica, uma vez que tal mecanismo não pode ser superado, apenas alternado e reproduzido. Qual a saída, então?

Para a autora, ao invés de uma “vida vivível”, devemos considerar uma “vida precária” em termos de igualdade, na qual sua precariedade tem que ser compreendida como uma condição generalizada. Afirmar que “toda vida é precária equivale a dizer que a vida sempre surge e é sustentada dentro de determinadas condições de vida” (BUTLER, 2015, p. 43). Condições que também se referem à “nossa responsabilidade política e [à] matéria de nossas decisões éticas mais árduas” (BUTLER, 2015, p. 42). A filósofa enfatiza que o ato de reconhecer a precariedade compartilhada apresenta “fortes compromissos normativos de igualdade e convida a uma universalização mais sólida dos direitos que procure abordar as necessidades humanas básicas de alimento, abrigo e demais condições de sobrevivência e prosperidade” (BUTLER, 2015, p. 54).

Ainda segundo Butler, as vidas são, por definição, precárias, porque podem ser eliminadas proposital ou acidentalmente. Essa condição precária induz politicamente certas populações a sofrerem “com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte” (BUTLER, 2015, p. 46). Além de

terem que lidar com situações de fome, doença, desemprego etc., essas populações se encontram, em decorrência da condição politicamente induzida de maximização da precariedade, vulneráveis “à violência arbitrária do Estado que com frequência não têm opção a não ser recorrer ao próprio Estado contra o qual precisam de proteção” (BUTLER, 2015, p. 46). Isso posto, Butler sublinha que

[...] não podemos reconhecer facilmente a vida fora dos enquadramentos no quais ela é a apresentada, e esses enquadramentos não apenas estruturam a maneira pela qual passamos a conhecer e a identificar a vida, mas constituem condições que dão suporte para essa mesma vida [...]. [Assim como as condições,] os enquadramentos estão sujeitos a uma estrutura iterável – eles só podem circular em virtude de sua reprodutibilidade, e essa mesma reprodutibilidade introduz um risco estrutural para a identidade do próprio enquadramento. O enquadramento rompe consigo mesmo a fim de reproduzir-se, e sua reprodução torna-se o local em que uma ruptura politicamente significativa é possível [...]. Esses enquadramentos estruturam modos de reconhecimento, especialmente durante os tempos de guerra, mas seus limites e sua contingência também ficam sujeitos à exposição e à intervenção crítica. (BUTLER, 2015, p. 44).

No caso do enquadramento literário de uma nação sob ditadura, como este pode ser examinado? Quais as implicações envolvidas na representação de uma realidade historicamente traumática para um país? Essas questões são bastantes desafiadoras. Mais à frente, tratarei delas ao examinar algumas memórias repressivas retomadas por Martim, o narrador-protagonista de *A noite da espera* e *Pontos de fuga*. Minha intenção, aqui, não pretende reduzir a discussão proposta, e sim ampliá-la criticamente, tendo em vista a maneira pela qual Milton Hatoum emoldura os conteúdos contidos em seu “retrato” nacional. Trata-se, pois, de dois romances contemporâneos cujos temas centrais giram em torno do exílio e do encarceramento políticos, da tortura e da censura, da repressão e o do obscurantismo, todos atrelados à experiência de um Brasil ditatorial.

A perspectiva narrativa de Martim é fundamental para compreender os corpos, que assim como o dele, encontram-se expostos “a forças articuladas social e politicamente, bem como a exigências de sociabilidade – incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo –, que tornam a subsistência e a prosperidade do corpo possíveis” (BUTLER, 2015, p. 16). Ficcionalmente, essa exposição a operações de poder se dá em uma ambiência obscura, na qual, por sua vez, ocorre a maximização da precariedade da vida, imposta pelo Estado autoritário vigente. Diante disso, a vida de Martim seria passível de luto? Por quê?

No enredo de *A noite da espera*, o personagem principal, em exílio parisiense, relembra algumas situações pessoais durante sua juventude, que dialogam com a conjuntura política que

antecedeu o decreto do Ato Institucional N.5 (AI-5), feito em 13 de dezembro de 1968, no governo do marechal Costa e Silva. Em suma, o enredo do primeiro volume da trilogia se passa predominantemente no período de 1967 a 1972 – o qual corresponde ao fim da adolescência e ao começo da fase adulta da vida de Martim –, dispendo de um foco maior no momento em que a censura, as perseguições e os assassinatos por parte da polícia são intensificados após a promulgação do AI-5. Nos idos de 1977 a 1980, Martim, exilado, organiza, além das dele, memórias alheias, dispostas em “uma sacola repleta de cadernos, fotografias, cadernetas, folhas soltas, guardanapos com frases rabiscadas, cartas e diários de amigos, “quase todos distantes; alguns perdidos, talvez para sempre” (HATOUM, 2017, p. 16-17). Por meio desse processo de (re)escrita, ele encara seus traumas relacionados, sobretudo, à separação conflituosa entre sua mãe, Lina, e seu pai, Rodolfo. Simultaneamente, o protagonista tem que lidar com os tensionamentos de um país arrasado pelo autoritarismo em seu estágio mais crítico. No entanto, Martim não está só.

Aos 16 anos de idade, Martim sai de São Paulo, sua terra natal, para Brasília, onde se filia casualmente a um grupo estudantil – chamado *a posteriori* de Tribo, que também cria uma revista homônima –, cuja formação tem em sua maioria jovens privilegiados, como os filhos de políticos e embaixadores. Nesse caso, o protagonista integra a minoria. Nortista, Vana, Ângela, Fabius e Dinah, todos estudantes de artes cênicas no Centro de Ensino Médio vinculado à Universidade de Brasília (UnB), tornam-se os novos amigos de Martim, sendo a última dos cinco a pessoa por quem ele se apaixona. Por conta do grupo, o personagem principal começa a participar do cenário político e cultural de Brasília, marcado por atos de resistência contra o regime militar. Essa mudança urbana, de São Paulo para Brasília, acontece em razão do divórcio de Lina e Rodolfo. A vontade genuína do protagonista era a de morar com sua mãe, mas, devido a situações financeiras e, talvez, políticas, não foi possível⁵. Por isso, Martim teve que ficar com o pai. O elo afetivo entre os dois se parece com a atmosfera do Brasil à época: fria, sombria, temerosa e autoritária. Uma das memórias de Martim que toca em quase todos os aspectos abordados até aqui é esta:

Sexta-feira, 28 de junho, 1968

Duas da tarde: vi pela janela Dinah e Lázaro na entrada do Centro de Ensino Médio.

⁵ Uma das linhas de interpretação leva-nos a pensar que Lina, depois de ter conhecido seu “amante”, começa a fazer parte de uma organização clandestina contra a ditadura. Isso também traz a dúvida de ela estar viva ou morta, pois, em dado momento, para de trocar cartas com seu filho. Lina simplesmente some.

[...]

Na minha sala, Dinah e Lázaro se dirigiam aos alunos. 'Quatro colegas foram expulsos de nossa escola', ela disse. 'Na invasão do campus, a polícia prendeu dezenas de universitários e saqueou o barracão da Federação de Estudantes da UnB.'

Lázaro acrescentou que no dia 21 a polícia matou três estudantes durante uma manifestação no Rio. 'Anteontem teve uma passeata de cem mil pessoas.'

[...]

Almocei no Palácio da Fome, as aulas foram canceladas, a Biblioteca Central ficou fechada. O Nortista e Vana esperavam o ônibus na L2: iriam à rodoviária e depois à praça Vinte e Um de Abril. O rosto de Rodolfo apareceu na janela do apartamento, corri para alcançar o ônibus, sem olhar para trás. Mas o rosto parecia me seguir durante o trajeto até a rodoviária, onde grupos de estudantes seguravam faixas com nomes de escolas das cidades-satélites. Disse aos dois amigos que queria ficar só, mais tarde me encontraria com eles na W3 ou na rua da Igrejinha.

[...]

Um ônibus amarelo e verde passou pelo Eixo Monumental, a água do lago escurecia na tarde de junho, eu pensava na coragem dos meus amigos, no rosto de Rodolfo na janela, o rosto voltado para mim, o olhar ofuscado pela distância [...]. Imaginava a voz de Dinah no meio da multidão, mas outra voz me chamava, a voz grave que me acovarda. (HATOUM, 2017, p. 49-50)

Com base nesse trecho, percebe-se o entrecruzamento da experiência de Martim e da realidade do Brasil, ambas costuradas pelos fios da repressão (respectivamente, familiar e estatal). Esses fios transpassam os corpos daqueles e daquelas que lutaram contra a ditadura brasileira e pela redemocratização do País. Corpos que, para o Estado autoritário de então, deveriam ser mortos/assassinados/destruídos, como sucedeu com os três estudantes no Rio. Corpos expostos à máxima precarização da vida, que não tiveram suas mortes passíveis de luto. Foram esses mesmos corpos que estiveram na Sexta-feira Sangrenta (21 de junho de 1968) e na Passeata dos Cem Mil (26 de junho de 1968) – dois episódios subsequentes, o primeiro de caráter mais violento e o segundo menos, que marcaram historicamente o estopim do regime militar. Devido à alta adesão popular e ao risco de uma revolução encabeçada pela esquerda, o governo Costa e Silva decidiu apertar ainda mais o cinto, decretando o famigerado AI-5. A repressão tornou-se oficial.

Enraizados no campo familiar, os traumas de Martim alcançam sua atuação política, paralisando-a. A presença espectral do pai assume o “rosto” e a “voz grave” do autoritarismo. Rodolfo é a personificação da ditadura, inclusive ele a venera – diferentemente de sua ex-esposa Lina. Sobre esse ponto, Hatoum, em entrevista à *Revista Cult*, afirma que o pai de Martim retrata o autoritarismo brasileiro e o patriarcado, apresentando-se como o “macho violento que não admite a separação da mulher [...]”. [Rodolfo] também é uma figura que traumatiza o filho, que já é traumatizado pela separação da mãe, uma separação também brusca e inesperada” (Cf.

HATOUM, 2017, p. 3)⁶. Além disso, o escritor assinala que a decisão tomada por Lina é tanto o movimento de emancipação desse casamento opressivo quanto o de emancipação intelectual e moral. Observa-se, então, “um momento de ruptura da instituição do casamento e também da ruptura política. São duas rupturas que confluem para o tema do romance, o da família e o da política. E são os dois abalos que causam trauma no filho” (Cf. HATOUM, 2017, p. 3)⁷.

Durante o exílio, Martim, já adulto, reflete sobre o evento registrado na entrada diarística “Sexta-feira, 28 de junho, 1968”, dois dias depois da Passeata dos Cem Mil.

Rua d' Aligre, Paris, julho, 1978

Um covarde. É o que penso hoje, quase dez anos depois, nesta tarde sufocante de verão [...]. Um covarde que virou as costas para a manifestação. Lembro que fiz um último esforço de coragem para ir ao encontro de Dinah e os meus amigos, o destemor deles me animava, [...]. Ainda dei uns passos na plataforma da rodoviária rumo à W3 Sul, mas a voz de Rodolfo surgia como uma advertência de um grande perigo: 'Se você for preso mais uma vez, só Deus vai te libertar'.

Atravessei o Eixo Monumental e andei devagar para a Asa Norte, ensaiando o que ia dizer ao meu pai, feito um réu que inventa um alibi para se livrar de um crime. (HATOUM, 2017, p. 51)

Quase uma década depois, Martim – sem aquele olhar genuíno da adolescência, enxerga-se como um jovem covarde que se limitara ao papel de réu diante do próprio pai. Contrastando com a coragem e o destemor de seus amigos ativistas, o personagem principal sente o medo e a culpa produzidos pelos abalos afetivos-políticos que tiveram sua motivação advinda da ruptura familiar e da turbulência nacional – como bem pontuou Hatoum. Levando-se em conta que “[o] trauma encontra na imaginação um meio para sua narração” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70) e que “é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69), podemos inferir que “algo da cena traumática sempre permanece incorporado, como um corpo estranho, dentro [de Martim] (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69). Esse “algo” mantém-se na fase adulta da vida dele por meio da imaginação a qual ele se vale para organizar na modalidade escrita suas memórias mais íntimas, assim como as de seus amigos distantes e perdidos, talvez para sempre. Logo, os desdobramentos traumáticos de Martim estão associados ao ambiente duplamente violento no qual ele (sobre)vive. Nesse sentido, a família de Martim e a nação brasileira desmantelam-se em meio a uma repressão generalizada.

⁶ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/milton-hatoum-a-noite-da-espera>. Acesso em: 16 abr. 2022.

⁷ Disponível no link acima.

Já no que tange ao enredo de *Pontos de fuga*, o protagonista, após fugir de Brasília por causa da ditadura (esse é o desfecho do primeiro romance), retorna a São Paulo, onde ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU). Nessa nova etapa, ele enfrenta algumas adversidades inerentes à clandestinidade, pois, embora ele não vivenciasse o engajamento político de modo prioritário, o fato de ele estar próximo a militantes ativos fez com que o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) perseguisse-o também. Em São Paulo, Martim, dando início à sua vida adulta, passa a morar em uma república universitária, compartilhada por Ox, Sergio San, Laísa, Marcela e Mariela, todos predominantemente oriundos de classes média e alta, além de serem ideologicamente contrários ao regime militar – esse grupo tem uma organização similar à da Tribo. Martim entra nessa república, localizada na rua da Fidalga (o nome alude à realidade socioeconômica das personagens), para substituir um ex-inquilino que foi expulso por ser um "provocador perigoso" e um "misógino execrável", que fazia pouco-caso dos últimos crimes cometidos pela polícia, cujos resultados foram as mortes de dois estudantes da Universidade de São Paulo (USP) (HATOUM, 2019, p. 29).

Entre 1973 e 1977 (o último ano de Martim no Brasil), o narrador-protagonista continua a sentir os efeitos de seus traumas pregressos, que, no decorrer do segundo romance, são intensificados por conta do desaparecimento de sua mãe Lina. Desta vez, o alcoolismo e a vergonha somam-se ao medo e à culpa experienciados pelo personagem principal no primeiro enredo. Saindo um pouco dessa esfera psicológica, trago, agora, uma passagem de *Pontos de fuga* que põe em relevo, a partir do ponto de vista de Martim, o “retrato” de um Brasil ditatorial ou um enquadramento duplamente artístico – composto por Hatoum:

FAU - Cidade Universitária, maio, 1973

[...]

Caixas pretas de papelão penduradas por fios de náilon davam ao Salão Caramelo uma sensação de calor, luto e sufoco. Duas faixas de papel kraft pendiam do ateliê mais alto, numa estava escrito: 'Urbanismo e desastre?', e na outra: 'Urbanismo é desastre?' (HATOUM, 2019, p. 77)

Se substituíssemos “urbanismo” por “ditadura” (ou “pandemia”), o desastre seria a palavra de ordem. Nesse sentido, as caixas pretas correspondem figurativamente às inúmeras vidas perdidas – sem valor, nem luto – pela arbitrariedade perpetrada durante a ditadura civil-militar brasileira. Para se ter uma dimensão disso, este é o resultado de 21 anos de autoritarismo e obscurantismo, no País:

Os dados disponibilizados por várias fontes indicam 50 mil pessoas atingidas, a maioria com passagens nas prisões por motivos políticos; milhares de presos, sendo que cerca de 20 mil deles foram submetidos à tortura física; pelos menos 360 mortos, incluindo 144 dados como desaparecidos, 7.367 acusados, 10.034 atingidos na fase de inquérito em 707 processos judiciais por crimes contra a segurança nacional, 4.862 cassados, 6.592 militares atingidos, 130 banidos do território nacional, 780 cassações de direitos políticos por atos institucionais por dez anos, milhares de exilados e centenas de camponeses assassinados, [...] (TELES e SAFATLE, 2010, p. 29-30).

Os corpos de Martim e seus amigos, secundaristas e universitários, poderiam estar pendurados naquele salão, enquadrados na precariedade extrema e sendo expostos à barbárie, bem diante da audiência – da qual fazemos parte. A sensação de calor, luto e sufoco entranha-se nos corpos dos espectadores – no imaginário nacional, em nós. (No ano de 2022, essa sensação ainda persiste, de algum modo, na sociedade brasileira. Eu a sinto. A instalação artística em cena poderia tematizar um Brasil em tempos de pandemia a fim de denunciar os mais de 660 mil mortos pela Covid-19⁸, por exemplo.) O trecho literário analisado trata-se, pois, de um enquadramento de guerra, relacionado a um Estado de sítio iniciado com uma finalidade provisória, mas que se estendeu por um longo e amargo período. Os efeitos traumáticos desse momento histórico sombrio permanecem até os dias atuais, como fantasmas a assombrar o presente (TELES e SAFATLE, 2010, p. 10).

3 Tear sensível

Os enunciados políticos ou literários fazem efeito no real. Definem modelos de palavra ou de ação, mas também regimes de intensidade sensível. Traçam mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre modos do ser, modos do fazer e modos do dizer. Definem variações das intensidades sensíveis, das percepções e capacidades dos corpos. Assim se apropriam dos humanos quaisquer, cavam distâncias, abrem derivações, modificam as maneiras, as velocidades e os trajetos segundo os quais aderem a uma condição, reagem a situações, reconhecem suas imagens.

(RANCIÈRE, 2005)

A estética sofre de uma dualidade dilacerante. Designa de um lado a teoria da sensibilidade como forma da experiência possível; de outro, a teoria da arte como reflexão da experiência real. Para que os dois sentidos se juntem é preciso que as próprias condições da experiência em geral se tornem condições da experiência real; a obra de arte de seu lado, aparece então realmente como experimentação.

(DELEUZE, 2015)

⁸ Informação disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/04/15/brasil-registra-105-mortes-por-covid-19-em-24-horas-media-movel-e-a-mais-baixa-desde-7-de-janeiro.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2022.

O tear memorialístico de Martim prolonga-se em redes (prefiro esse termo a “regimes”) de intensidade sensível que transpassam as páginas de *A noite da espera* e *Pontos de fuga*, de Milton Hatoum. O autor lança suas obras, respectivamente em 2017 e 2019, quando, no Brasil, o Estado Democrático de Direito sofre um golpe político-jurídico-midiático, especificamente no ano de 2016, após o impeachment de Dilma Rousseff, e, a partir de 2018, é vilipendiado pela eleição presidencial de Jair Messias Bolsonaro, que abertamente idolatra a ditadura brasileira e seus algozes – como o personagem Rodolfo, o pai do protagonista Martim, o faz na trama. Diante desses fatos, penso que as duas obras de Hatoum estão na condição de engajamento “porque se pretendem, sim, denúncia social; porque são contestação e crítica ao autoritarismo e à brutalidade que assombraram o [Brasil] a partir de 1964; porque se propõem mesmo a ser documento do horror (DALCASTAGNÈ, 1996, p. 24).

Extratextualmente, podemos perceber os modos (produção, circulação e recepção) pelos quais circulam o “retrato” nacional esculpido por Hatoum e os enquadramentos inscritos nos próprios enredos de seus livros – como exemplifiquei com a cena da instalação artística sobre os corpos não passíveis de luto –, cujas múltiplas camadas de significações permitem-nos observar os efeitos causados pela simbiose dos discursos literários e dos políticos, no real. Portanto, este trabalho faz parte das redes de intensidade sensível, nas quais eu, mediante um olhar relacional, pude analisar, nos referidos romances, “mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre modos do ser, modos do fazer e modos do dizer” (RANCIÈRE, 2005, p. 59); construindo, assim, um diálogo entre literatura e história, passado e presente.

Por fim, ao ler os dois romances em foco, produzi um texto que se deu por meio de um processo de escavação crítico-estética, tendo em vista a articulação da teoria da sensibilidade como forma da experiência possível, com a teoria da arte como reflexão da experiência real (DELEUZE, 2015, p. 265). Minha análise, portanto, aborda a trajetória ficcional de Martim que se cruza com a formação nacional do Brasil, evidenciando o mais recente passado ditatorial do País e sua presença espectral no presente – igual a um trauma que se reproduz inconscientemente no imaginário social e no cotidiano brasileiros. Ademais, pude inferir que Hatoum cria seu “retrato”, seu enquadramento, sua mimesis ou, ainda, sua simulação de um Brasil ditatorial como “o efeito do funcionamento do simulacro enquanto maquinaria [...] [na qual o falso significa potência] (DELEUZE, 2015, p. 268). Uma potência que agencia um tear sensível em prol da manutenção da constelação de “vaga-lumes”, em que um único pirilampo representa “uma resistência, uma luz para todo o pensamento” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 67). Diante disso, nós, os herdeiros da ditadura, temos o dever político-ético de transformar as

energias reprimidas por esse trauma histórico em uma sinergia que impulse nossa imaginação política em direção a enquadramentos e reconhecimentos democráticos; a fim de constituir corpos possíveis cujas subsistência e prosperidade sejam oportunizadas e garantidas, ante a precariedade generalizada da vida.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: *Magia e técnica, arte e política*. 3 ed. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BRASIL registra 105 mortes por covid-19 em 24 horas; média móvel é a mais baixa desde 7 de janeiro. *Valor econômico*, 15 abr. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/04/15/brasil-registra-105-mortes-por-covid-19-em-24-horas-media-movel-e-a-mais-baixa-desde-7-de-janeiro.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2022.

BUTLER, Judith. Vida Precária, vida passível de luto. In: BUTLER, Judith. *Quadro de Guerra*. Quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 13-55.

DALCASTAGNÈ, Regina. *O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Ed. UnB, 1996.

DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro. In: DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 2015, p. 259-271.

DERRIDA, Jacques. Kolaphos/Kolapto. In: DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 7-9.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

HATOUM, Milton. ‘Somos governados pelo que há de mais vil e torpe na política brasileira’, diz Milton Hatoum. *Revista Cult*, 20 out. 2017. Entrevista concedida a Paulo Henrique Pompermaier. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/milton-hatoum-a-noite-da-espera/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

HATOUM, Milton. *A Noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Mazzari, M. V. (2018). Editorial. *Literatura E Sociedade*, 23(27), 5-8. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v23i27p5-8>. Acesso em: 14 abr. 2022.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

SAFATLE, Vladimir (Org.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, vol. 20, n.1, p. 65-82, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652008000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 abr. 2022.

Recebido em 21 de abril de 2022

Aceito em 25 de agosto de 2022